

Cesário Verde

1855-1886

Foi um poeta português, natural de Caneças, Loures, oriundo de uma família burguesa abastada. O pai era lavrador (tinha uma quinta em Linda-a-Pastora) e comerciante, estabelecido com uma loja de ferragens na baixa lisboeta. Foi por essas duas actividades que a sua vida de poeta se repartiu.

Ia alimentando o seu gosto pela leitura e pela criação literária, embora longe dos meios literários oficiais com os quais nunca se deu bem, o que o levou, depressa, a abandonar o Curso Superior de Letras de Lisboa, que frequentou entre 1873 e 1874.

Era colaborador dos jornais: *Diário de Notícias*, *Diário da Tarde*, *A Tribuna* e *Renascença*. A partir de 1875 produziu alguns dos seus melhores poemas:

- Num Bairro Moderno (1877)
- Em Petiz (1878)
- O Sentimento dum Ocidental (1880)



Cesário Verde

Nascimento: 1855 Lisboa
Morte: 1886
Época: Realismo
País: Portugal

A falta de estímulo da crítica e um certo mal-estar relativamente ao meio literário, expressos, por exemplo, em *Contrariedades* (em Março de 1876), fazem com que Cesário Verde deixe de publicar poemas em jornais.

A cidade / campo surge como tema principal da sua obra quando publica o poema *Nós* (1884) que foi um longo poema narrativo e autobiográfico, onde o poeta evoca a morte de uma irmã e de um irmão, ambos de tuberculose, doença que viria a vitimar igualmente o poeta, apesar das várias tentativas de convalescença numa Quinta do Lumiar.

Somente em 1887, um ano depois da sua morte, é que um seu grande amigo, Silva Pinto, teve a iniciativa de juntar todos os seus poemas. A essa compilação deu o título de *O Livro de Cesário Verde* que só foi posta à disposição do público em geral em 1901.

Realismo e Parnasianismo

Em poemas por vezes cínicos e humorísticos, Cesário conseguiu manter-se alheio ao peso da literatura, procurando um tom natural que valorizasse o amor pelo real, um desejo de autenticidade, que fez com que muitas vezes a sua poesia enfrentasse a acusação de prosaísmo.

Com uma visão excepcionalmente plástica do mundo, deambulou pela cidade e pelo campo (os seus cenários de eleição) transmitindo o que lhe era oferecido aos sentidos, em cores, em formas, em sons, de acordo com aquilo que expressou em carta ao seu amigo Silva Pinto: “A mim o que me rodeia é o que me preocupa.”

Ficou conhecido como o poeta da cidade de Lisboa e o poeta da Natureza anti-literária...

Abriu caminho ao Modernismo em Portugal, influenciando decisivamente outros poetas como Fernando Pessoa/Alberto Caeiro que o considerou um dos vultos fundamentais da nossa história literária.

Cesário Verde



Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.

Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas coisas,
É o de quem olha para as árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos...

Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...

Alberto Caeiro, *Poemas Completos*



A poesia de Cesário vista pelos outros

Em Lisboa com Cesário Verde

Nesta cidade, onde agora me sinto
mais estrangeiro do que os gatos persas;
nesta Lisboa, onde mansos e lisos
os dias passam a ver as gaivotas,
e a cor dos jacarandás floridos
se mistura à do Tejo, em flor também,
só o Cesário vem ao meu encontro,
me faz companhia, quando de rua
em rua procuro um rumor distante
de passos ou aves, nem eu sei já bem.
Só ele ajusta a luz feliz dos seus
versos aos olhos ardidos que são
os meus agora; só ele traz a sombra
dum verão muito antigo, com corvetas
lentas ainda no rio, e a música,
o sumo do sol a escorrer da boca,
ó minha infância, meu jardim fechado,
ó meu poeta, talvez fosse contigo
que aprendi a pesar sílaba a sílaba
cada palavra, essas que tu levaste
quase sempre, como poucos mais,
à suprema perfeição da língua.

Eugénio de Andrade (1986)